



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 747 de junho de 2011.

**O MUNDO SE REPARTE EM CRISES, REBELIÕES, REVOLTAS, ESCÂNDALOS, ASCENSÕES E QUEDAS DE LÍDERES POLÍTICOS E ECONÔMICOS.**



**ASCENSÕES E QUEDAS** O mundo se reparte em crises, rebeliões, revoltas, escândalos, ascensões e quedas de líderes políticos e econômicos. Será que foi sempre assim, ou os fatos ficaram mais visíveis? A recente segunda renúncia do ministro Palocci, somada às quedas anteriores de outros dois ministros da Casa Civil do governo petista – José Dirceu, em 2005, e Erenice Guerra, em 2010 –, colocam em xeque o cargo, os seus ocupantes, a função e o partido. Enquanto isso, acima da linha do Equador, Obama, o mais incensado governante, içado ao poder nesta primeira década do século XXI, amarga quedas sistemáticas de popularidade nos EUA.

**43 MILHÕES DE REFUGIADOS** Do outro lado do oceano Atlântico, no continente europeu, governos de países prestigiados como França, Inglaterra, Itália e Espanha fazem malabarismos para atrair a atenção dos eleitores e driblar o ostensivo descrédito que vêm colhendo dos seus povos. No norte da África, a chamada Primavera Árabe revela a insatisfação dos jovens com as ditaduras de décadas que lhes roubou a liberdade e os direitos. Dados da ACNUR – Agência da ONU para Refugiados apontam que 43 milhões de pessoas no mundo encontram-se hoje nas condições de refugiados, solicitantes de refúgio e deslocados internos. Além disso, o planeta tem 12 milhões de apátridas. São pessoas sem direitos e sem nacionalidade.

**INSATISFAÇÃO SOCIAL** Esses são os sintomas do século 21. A era que se convencionou chamar do conhecimento, da informação e da globalização reflete uma imensa insatisfação social com os Estados nacionais e seus governantes. Se voltarmos um pouco no tempo, vamos descobrir que o Estado, como o conhecemos hoje, nem sempre existiu e tão-pouco tem sua permanência garantida no futuro da sociedade, especialmente quando nos referimos a instituições sociais como o capitalismo, a escravidão ou o próprio Estado – é o que nos alerta a jornalista Maysa Rodrigues, em matéria publicada na revista Sociologia, número 34.

**O ESTADO** Para refrescar a memória, a revista relembra o pensador Max Weber, para quem o Estado já existia na configuração do poder do feudalismo e da Roma Antiga. Segundo Weber, o Estado pode ter perfis diferentes e perseguir diferentes finalidades. O Estado fascista, por exemplo, buscava os fins próprios à sua ideologia. Da mesma maneira, os Estados comunista, feudal, absolutista ou democrático buscaram seus fins característicos.

**NAÇÃO** Modesto Florenzano, professor do Departamento de História da USP, diz que a noção de Estado é anterior à ideia de nação. Pelo menos no Ocidente Europeu foi a existência prévia do Estado que gerou a nação ideologicamente. Essa pode ser pensada como uma ideologia ou um sentimento. O professor Florenzano diz ainda que a constituição de uma nação e a criação de uma identidade

**NO MUNDO, HOJE, 43 MILHÕES DE PESSOAS ENCONTRAM-SE NAS CONDIÇÕES DE REFUGIADOS, SOLICITANTES DE REFÚGIO E DESLOCADOS INTERNOS.**



**O SÉCULO 21 REFLETE UMA IMENSA INSATISFAÇÃO SOCIAL COM OS ESTADOS NACIONAIS E SEUS GOVERNANTES.**



**O CIENTISTA POLÍTICO RONALD INGLEHART DIZ QUE UM NOVO CONJUNTO DE VALORES TENDE MUDAR AS RELAÇÕES DAS PESSOAS COM A POLÍTICA E COM O ESTADO.**



nacional demandam dois fatores fundamentais: “(...) é necessário que haja uma língua e/ou uma religião comum para haver um sentimento de nação envolvendo o Estado”.

**IDENTIDADE NACIONAL** São exatamente os valores culturais de um povo que constroem a identidade nacional e com eles a ideia de nação, a qual oferece sustentação ao Estado. Contudo, as identidades nacionais, que foram fundamentais na estruturação dos Estados modernos entre os séculos 16 e 20, começaram a perder força a partir do século 21. Para o pesquisador Stuart Hall, a aceleração da globalização estaria alterando o papel da identidade nacional e, com ela, o próprio Estado como organizador da vida social.

**PÓS-MATERIALISTAS** O cientista político Ronald Inglehart diz que um novo conjunto de valores – que nomeou de Pós-Materialistas – tende a se tornar hegemônico nas sociedades contemporâneas e, com isso, mudar as relações das pessoas com a política e com o Estado. Esses novos ideais seriam caracterizados por uma maior valorização da democracia direta, com menos propensão dos indivíduos a aceitarem o controle hierárquico ou as instituições intermediárias entre si e a vida política – como partidos e o próprio Estado.

**ESTADOS ENFRAQUECIDOS** O sociólogo francês Michel Wieviorka diz que os Estados contemporâneos, ou pelo menos alguns dentre eles, estão enfraquecidos. Isso porque a aceleração da globalização culminou em economias estatais cada vez mais interdependentes. Além disso, do ponto de vista da cultura, a mundialização significa uma homogeneização das particularidades locais. Assim, os Estados tornam-se integrados, especialmente a partir do consumo de bens físicos e simbólicos.

**MENOS DIFERENÇAS** Da mesma maneira, diz Wieviorka, os quadros territoriais, administrativos e políticos da vida econômica dos países se constituem e se diferenciam menos facilmente. Os governos nacionais, cada vez menos, serão capazes de controlar a economia, não apenas por deixarem de ser os proprietários dos meios de produção, cada vez mais nas mãos de empresas civis, mas também devido ao enfraquecimento das suas funções reguladoras.

**POUCO CONTROLE** Economias e culturas cada vez mais interligadas; desvinculação entre territórios e culturas locais; novas formas como as pessoas se relacionam com a política; predominância de empresas civis na economia mundial; enfraquecimento do controle estatal sobre a economia; além da crescente privatização da segurança e da proliferação de atividades ilegais no campo internacional, com pouco controle governamental, são alguns dos elementos que sugerem o enfraquecimento do Estado, pelo menos no formato como o conhecemos.